

Operação Compliance Zero

Acho que houve muita gente que jogou contra a instituição"

Fotos: Minervino Junior CB/DA Press.



O governo federal ajudou politicamente?

O governo federal teve uma posição institucional muito séria e isso precisa ser reconhecido. Houve um entendimento de que o BRB é maior do que disputas ideológicas. Eu fiz questão de agradecer publicamente aos ministros Dário Durigan (Fazenda) e Jorge Messias (AGU) pela condução responsável do processo.

O GDF está comprando ações do BRB para manter o controle?

Estamos acompanhando isso de perto para garantir que o governo continue como acionista majoritário.

A senhora acredita que houve interferência política para que ocorresse fraudes no BRB?

Eu acho que houve muita gente que jogou contra a instituição.

A senhora entende que o BRB recuperou sua credibilidade?

Tenho certeza disso. Hoje estou recebendo mensagens de pessoas dizendo que estão voltando a serem clientes da instituição. Isso mostra que a confiança está sendo recuperada. Fico muito feliz em ver tudo isso.

A senhora se sentiu subestimada durante essa crise?

Muitas vezes, as pessoas subestimam a capacidade de uma mulher. Mas acredito muito em Deus e na capacidade de resolver problemas graves. Conseguimos construir uma solução definitiva para o BRB.

Agora que a crise do banco está encaminhada, qual será o foco do governo?

Continuar cuidando da gestão da cidade. Nunca deixamos de olhar para a saúde, para a segurança e para os programas sociais, mesmo no meio dessa crise.

Sobre partidos da base aliada, como está sua relação com o MDB depois dos atritos recentes?

Minha relação com o MDB continua boa. Tenho boa relação com o deputado Wellington Luiz, respeito a institucionalidade do cargo dele e também mantenho diálogo com os deputados distritais do partido. Aquele episódio passou. Hoje estou focada na gestão.

Mas como está a base governista na Câmara Legislativa?

Nunca deixamos de olhar para a saúde, para a segurança e para os programas sociais, mesmo no meio dessa crise"

Minha relação com o MDB continua boa. Tenho boa relação com o deputado Wellington Luiz, respeito a institucionalidade do cargo dele"

Tem outro problema muito sério hoje, que é a dificuldade de manter profissionais na rede pública de saúde. Principalmente médicos"

Quando assumi, tínhamos uma base de 14 deputados. Hoje estamos com 17. Era necessário uma recomposição porque você não governa sem maioria mínima para aprovar projetos importantes. Tenho mantido diálogo muito franco com os parlamentares.

Quais projetos a senhora pretende enviar à Câmara Legislativa?

Nós vamos encaminhar um projeto sobre situação de rua e internação involuntária humanizada. Hoje, muitas pessoas em surto ou dependência química acabam sendo levadas para UPAs, causando situações de descontrole. Isso não é tratamento adequado. Queremos criar equipes multidisciplinares, com psiquiatras e estrutura especializada para atendimento dessas pessoas. Quando uma pessoa está em surto, armada, oferecendo risco, eu não posso simplesmente fechar os olhos. É uma questão de saúde pública. Claro que haverá debate. Mas eu sou Estado. Preciso agir com responsabilidade.

A senhora tem uma lista de pedidos, em que o primeiro dele era a salvação do BRB. Qual é o segundo pedido?

O segundo pedido que eu fiz foi melhorar a saúde pública. Porque as pessoas chegam até mim e falam o que estão vivendo, o que estão passando dentro dos hospitais, das filas, da espera. E é desu-

mano você deixar uma pessoa esperando atendimento, esperando consulta. Isso mexe comigo. Eu falo muito que a saúde pública talvez seja a área onde o governante mais sente o peso da responsabilidade. Porque ninguém procura um hospital por felicidade. A pessoa chega ali sofrendo angústia, muitas vezes, desesperada. Eu preciso melhorar a saúde das pessoas. Preciso deixá-la melhor do que aquela que eu encontrei. A gente sabe que os recursos do SUS são limitados. O SUS tem limitações financeiras no Brasil inteiro. Mas gestão faz diferença. Organização faz diferença. Prioridade faz diferença. Quando nós começamos o projeto de atendimento mais rápido para pacientes com câncer, por exemplo, conseguimos reduzir drasticamente o tempo de espera. Chegamos a ter pacientes iniciando tratamento em oito dias. E aquilo virou referência nacional.

Só que aconteceu uma coisa muito forte: o Brasil inteiro começou a procurar Brasília. Nós tínhamos uma média de 300 pessoas chegando por mês e isso praticamente dobrou (o atendimento). Passamos a receber 600 pessoas. E mesmo assim, isso não pode nos impedir de continuar avançando. Porque eu olho para a fila de cirurgias, para a fila de consultas, para os exames represados, e sei que as pessoas não conseguem esperar mais. Quem está na fila está sofrendo agora. Não é um proble-

ma para daqui a cinco anos. É um problema imediato.

Então nós estamos trabalhando em várias frentes ao mesmo tempo. Tenho feito o GDF na Sua Porta, estamos reformando unidades básicas de saúde, reorganizando atendimentos e tentando melhorar os ambientes das unidades. Porque também não adianta falar em humanização se você recebe as pessoas em locais deteriorados, sem estrutura. A estrutura importa. O acolhimento importa. A gestão importa.

Nós criamos um espaço específico dentro do orçamento para reforma de UBSS. Em várias regiões administrativas, já começamos esse trabalho. Tenho acompanhado pessoalmente. A saúde exige presença do governador. Não dá para governar saúde de longe.

Eu mesma fui ao Tribunal de Contas despachar processos da saúde. Liguei para conselheiros porque nós precisávamos destravar reformas nos hospitais. Eu precisava que aquilo andasse. Então, às vezes, as pessoas perguntam: "Governadora, por que a senhora vai pessoalmente?". Porque eu tenho urgência. Porque quem está esperando cirurgia não pode aguardar burocracia eterna.

E tem outro problema muito sério hoje, que é a dificuldade de manter profissionais na rede pública de saúde. Principalmente médicos. Hoje não é atrativo financeiramente para muitos médicos permanecerem na rede do

DF. Eu queria muito ter enviado já um reajuste salarial para essa categoria. Queria muito. Porque eu sei da importância desses profissionais e sei também que muitos estão sobrecarregados.

Mas eu não posso agir com irresponsabilidade fiscal. Não posso prometer algo sem orçamento. Isso seria muito fácil politicamente, mas errado como gestora. Agora, eu posso afirmar: essa será uma das primeiras categorias que nós vamos olhar quando tivermos recuperação financeira. Porque se você não remunera bem o médico, você perde esse profissional.

Como equilibrar demandas da população diante de um cenário financeiro difícil?

Acho que a população acompanha muito de perto o que está acontecendo. Ela entende quando você fala a verdade e quando você demonstra prioridade. Nós assumimos um cenário muito complicado financeiramente. E a primeira coisa que fizemos foi cortar gastos da máquina pública. Reduzimos contratos, aluguel, despesas administrativas, viagens. Desde que assumi como governadora, não autorizei viagem de secretário. Porque eu precisava reorganizar a casa.

Mas, mesmo diante desse cenário, não posso deixar de investir onde as pessoas mais precisam. E a saúde é uma dessas áreas. Então nós estamos priorizando aquilo que é mais sensível. A população

não quer discurso. Ela quer resultado. Quer entrar em uma UBS e conseguir atendimento. Quer cirurgia acontecendo. Quer um hospital funcionando. E eu tenho muito claro dentro de mim que a saúde precisa melhorar rapidamente.

Há outros projetos em estudos?

Tem projetos estruturantes que eu estou em negociação com bancos internacionais. Porque nenhum estado consegue fazer grandes obras estruturantes apenas com recurso próprio. Nós temos duas obras muito importantes que estamos buscando financiamento internacional para iniciar. A primeira é a expansão do metrô para a região de Santa Maria. Essa obra é fundamental. Brasília cresceu muito e o transporte público precisa acompanhar esse crescimento. Hoje, muitas pessoas passam horas dentro de ônibus, enfrentando deslocamentos extremamente cansativos. Quando você melhora a mobilidade, você melhora qualidade de vida, melhora acesso ao trabalho, melhora acesso à saúde, à educação, melhora tudo. A expansão do metrô é uma prioridade de trabalho. E eu acho que, no final, o que marca um governo não é o discurso. São as entregas. São as mudanças reais na vida das pessoas. Se eu conseguir melhorar a saúde pública, organizar as contas do DF e devolver estabilidade para Brasília, eu já vou sentir que cumpri minha missão.

Quando chegar 31 de dezembro, qual será sua maior conquista?

Primeiro, eu tenho que agradecer a Deus. Sempre foi muito generoso comigo. Acredito que existe um propósito em tudo isso. Quando chegar o dia 31, quero olhar para trás e falar: eu fiz o que tinha que fazer. Fiz as coisas certas. Fiz tudo com responsabilidade. Sei que os desafios são enormes. Sei das dificuldades financeiras, dos problemas históricos, das crises. Mas também sei da minha capacidade de trabalho. E eu acho que, no final, o que marca um governo não é o discurso. São as entregas. São as mudanças reais na vida das pessoas. Se eu conseguir melhorar a saúde pública, organizar as contas do DF e devolver estabilidade para Brasília, eu já vou sentir que cumpri minha missão.